

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ

JOYCE UEMOTO HALLER

**MONTEIRO LOBATO: A LITERATURA COMO EXPRESSÃO DO
CONTEXTO (1889-1930)**

MARINGÁ

2012

JOYCE UEMOTO HALLER

**MONTEIRO LOBATO: A LITERATURA COMO EXPRESSÃO DO
CONTEXTO (1889-1930)**

Trabalho de Conclusão de Curso – TCC,
apresentado ao Curso de Pedagogia da
Universidade Estadual de Maringá, como
requisito parcial para obtenção do grau de
Pedagogo.

Orientação: Prof. Dra. Regina Maria Zanatta

Coordenação: Prof^ª. Dra. Renata Marcelle Lara
Pimentel

MARINGÁ

2012

HALLER, Joyce Uemoto. **Monteiro Lobato: a literatura como expressão do contexto, Primeira República (1889-1930)**. Trabalho de Conclusão de Curso –TCC. Universidade Estadual de Maringá. Orientadora: Dra. Regina Maria Zanatta. 2012

Resumo

Este estudo tem como preocupação destacar os problemas educativos que se apresentaram no período da Primeira República e foram apontados por Monteiro Lobato em suas obras literárias. Os problemas que se destacavam na sociedade daquela época se referiam à educação, à saúde, à economia, à política sendo que as primeiras obras deste autor contemplaram o estudo dos problemas nacionais e entre eles os da educação. Portanto, o objetivo deste estudo é de estudar a relação entre a criação literária de Lobato e o contexto histórico por ele vivido. O motivo de dedicar este estudo a este autor se deve ao fato de que Lobato é reconhecido como um escritor brasileiro que introduziu a literatura infanto-juvenil no Brasil. A metodologia utilizada para este projeto se realiza pela análise bibliográfica de algumas obras deste autor. Este estudo se apresenta como relevante, uma vez que aborda e revela os problemas educacionais do período da Primeira República, ainda pouco explorados. Esta abordagem pode levar ao entendimento de como o autor percebe e analisa os problemas educacionais, ou seja, como a arte literária reproduz os acontecimentos de um contexto histórico.

Palavras-chave: Monteiro Lobato; Literatura infanto-juvenil; Educação; Primeira República.

ABSTRACT

The educational problems during the First Republican Period in Brazil, mentioned by the writer Monteiro Lobato in his literary works, are underscored and discussed. Society's problems comprised issues on education, health, economy and politics. In fact, Lobato's first literary works dealt with national issues with special reference to education. Current essay studies the relationship between the literary works of Lobato and the historical context experienced. Monteiro Lobato has been chosen since he is acknowledged as an important Brazilian writer who introduced children's literature in the country. Methodology of current project consists of a bibliographical analysis of some of his literary works and the investigation is important due to the underscoring of the still understudied educational issues during the First Republican Period in Brazil. Current approach may help in the understanding of how the author perceives and analyzes the educational problems of the time and how literature reproduces events within an historical context.

Keywords: Monteiro Lobato; Education; First Republican Period in Brazil.

MONTEIRO LOBATO: A LITERATURA COMO EXPRESSÃO DO CONTEXTO (1889-1930)

Joyce Uemoto Haller*

Regina Maria Zanatta*

1 Introdução

Nesta pesquisa, o objetivo é analisar a relação entre a criação literária e o contexto histórico vivido por José Bento Monteiro Lobato (1882-1948), apresentado nas obras **Urupês** (1918) e **Problema Vital** (1918), na primeira, sobretudo, o capítulo que se refere ao Jeca Tatu e que tem como título A ressurreição. Verifica-se, na literatura de Monteiro Lobato, como os significados contextuais históricos, econômicos, políticos e, em especial, educacionais se projetam de maneira crítica, colaborando para a compreensão da prática social daquele período. A metodologia consiste na pesquisa de cunho bibliográfico e documental. Utiliza-se, também, de estudos disponíveis sobre o tema que poderão explicitar o conteúdo pesquisado e referências de autores secundários que podem oferecer esclarecimentos sobre o autor e suas obras. O conto **Urupês** (1918) e **Problema Vital** (1918) foram mais privilegiados.

A intenção é responder a seguinte indagação: Em que medida a literatura pode revelar o contexto vivido pelo autor, os problemas sociais que lhe são adjacentes e, principalmente, os que se referem à educação?

Para tentar solucionar essa questão, é necessário analisar suas obras, bem como estudar o contexto no qual o autor escreveu. Posteriormente, confrontar a análise e o estudo para destacar os pontos de inter-relação.

A escolha das obras para realizar a análise pautou-se nos seguintes critérios: as que foram impressas no início do Período Republicano e as que foram escritas em momentos de crise nacional ou de discussões polêmicas acerca da política e da educação.

O texto, primeiramente, apresenta os dados biográficos do autor, para reconhecimento de sua importância no cenário nacional, destacando o momento de produção das obras e os principais problemas nacionais. Na sequência, as obras são apresentadas, descrevendo uma síntese dos conteúdos. Por último, analisa-se cada obra, contextualizando-as

* Acadêmica do curso de Pedagogia da Universidade Estadual de Maringá.

* Professora Doutora do Departamento de Fundamentos da Educação, da Universidade Estadual de Maringá.

com o período vivido pelo autor, verificando em que medida o conteúdo contempla os acontecimentos. E, concluindo, espera-se encontrar a resposta à indagação feita inicialmente.

2 Monteiro Lobato: aspectos biográficos e obras

José Bento Renato Monteiro Lobato nasceu na cidade de Taubaté, interior de São Paulo, em 18 de abril de 1882. Monteiro Lobato foi alfabetizado pela mãe, Olímpia Augusta Lobato, e depois por um professor particular. Aos sete anos, ingressou no colégio e já havia descoberto os livros do avô materno, o Visconde de Tremembé, que possuía uma imensa biblioteca no interior da casa. Leu todos os livros para crianças e, já nos primeiros anos de escola, escrevia pequenos contos para o jornal escolar. Aos onze anos, em 1893, foi transferido para o Colégio São João Evangelista. Estudou Direito na Faculdade do Largo de São Francisco, diplomando-se bacharel em 1904, após, regressou a Taubaté. Foi nomeado promotor público em Areias, no mês de maio de 1907 e casou-se com Maria Pureza da Natividade de Souza e Castro ("Purezinha") em março de 1908.

Escreveu para jornais e revistas, tais como: **A Tribuna de Santos**; **Gazeta Notícias do Rio de Janeiro** e **Revista Fon-Fon**. Para a Revista, enviava caricaturas e desenhos, o que revela sua característica de desenhista, além da de escritor. Aos 29 anos, Lobato recebeu a notícia do falecimento do avô, o Visconde de Tremembé, tornando-se o herdeiro da Fazenda Buquira para onde se mudou com a família.

Na fazenda, durante um inverno seco, Lobato escreveu uma carta intitulada “Velha Praga”, destinado ao jornal **do Estado de São Paulo**. Era um protesto contra as queimadas no Vale do Paraíba, o texto foi seguido por **Urupês**, no mesmo jornal, título também dado ao livro que apresenta o Jeca Tatu, sua personagem mais marcante na literatura.

Em 1917, Lobato vendeu a fazenda e foi morar em Caçapava, fundando a **Revista Paraíba** que teve importantes colaboradores, como Coelho Neto, Olavo Bilac, Cassiano Ricardo, entre outros. Neste mesmo ano, publicou no jornal **O Estado de São Paulo**, um artigo intitulado "Paranóia ou Mistificação?". Este artigo foi uma crítica ao movimento do modernismo na literatura e na arte, especialmente aos vanguardistas. Inclui-se aqui Anita Malfatti, pintora paulista que havia recém chegado da Europa. O artigo provocou certa polêmica em torno do movimento modernista.

Em 1918, Lobato, de colaborador da “Revista do Brasil”, tornou-se o seu proprietário, no Estado de São Paulo. A partir daí, editou os próprios livros e promoveram suas

propagandas, isso propiciou as bases da indústria editorial no Brasil, revolucionando o mercado livreiro.

Em sociedade com Octalles Marcondes Ferreira, fundou a "Companhia Gráfico-Editora Monteiro Lobato", mas foi à falência por causa do racionamento de luz que o impedia de prosseguir nas suas tiragens e pagar o empréstimo contraído para a abertura da editora. Sem esmorecer, fundou, em seguida, a "Companhia Editora Nacional".

Em 1920, escreveu e publicou o livro **A menina do Narizinho Arrebitado**, a primeira obra da série de literatura infantil. Foi introduzido nas escolas como livro de leitura, tornando-se grande sucesso e incentivando o autor a publicar outras aventuras desta personagem que teve como cenário o "Sítio do Picapau Amarelo".

Em 1926, escreveu o seu único romance **O Presidente Negro**. No ano seguinte, foi nomeado, por Washington Luís, adido comercial nos Estados Unidos e lá permaneceu até 1931, quando se mudou para São Paulo.

Após a Revolução de 1930, quando Lobato retornou ao Brasil, investiu nos negócios do petróleo. Fundou empresas de prospecção, contrariando poderosos interesses multinacionais, o que causou sua prisão, em 1941. Foi perseguido pela ditadura do Estado Novo, tendo seus livros de literatura infantil apreendidos e queimados. É deste período a carta que escreveu para Getúlio Vargas denunciando os desmandos sobre a exploração nacional do petróleo. A carta data de janeiro de 1935 e refere-se a uma correspondência anterior para a qual não havia recebido resposta, talvez porque a carta não tivesse chegado às mãos do Presidente:

Nele denuncio as manobras da Standard Oil para senhorear-se das nossas melhores terras potencialmente petrolíferas, confissão feita em carta pelo próprio diretor dos serviços geológicos da Standard Oil of Argentina, que é o tentáculo do polvo que manipula o Brasil. E isso com a cooperação efetiva do sr. Victor Oppenheim e Mark Malamphy, elementos seus que essa companhia insinuou no Serviço Geológico e agora dirigem tudo lá, sob o olho palerma e inocentíssimo do dr. Fleuri da Rocha. É de tal valor a confissão, que se eu der à público com os respectivos comentários o público ficará seriamente abalado.

Acabo agora de obter mais uma prova da duplicidade desse Oppenheim, cornaca do Fleuri. Em comunicação reservada que ele enviou para a Argentina ele diz justamente o contrário, quanto às possibilidades petrolíferas do Sul do Brasil, do que faz aqui o Fleuri pelos jornais, com o objetivo de embaraçar a marcha dos trabalhos da Companhia de Petróleos.

O assunto é extremamente sério e faz jus ao exame sereno do Presidente da República, pois que as nossas melhores jazidas de minérios já caíram em mãos estrangeiras e no passo em que as coisas vão o mesmo se dará com as terras potencialmente petrolíferas. E já hoje ninguém poderá negar isso visto que tenho uma carta em que o chefe dos serviços geológicos da Standard

ingenuamente confessa tudo, e declara que a intenção dessa companhia é manter o Brasil em estado de "escravização petrolífera". (grifo do autor)

No mês de agosto do mesmo ano, Lobato escreve novamente para o Presidente, denunciando os impedimentos exploratórios para adquirir provas da existência do petróleo em terras nacionais. O interesse de Lobato era a preservação das divisas da riqueza nacional de seu subsolo para os próprios brasileiros e não para a invasão estrangeira.

Conforme previ na última audiência que me foi concedida a 15 do corrente, há alguém interessado em embaraçar a ação da Cia Petróleos do Brasil, dificultando a obtenção da autorização para que ela siga seu curso natural, fora das restrições do Decreto nº 20.799, que, em requerimento ao Ministério da Agricultura, foi pedida. E como V. Excia., me autorizou, neste caso, a recorrer diretamente a V. Excia., como guardião que é dos verdadeiros interesses nacionais, sou forçado a lançar mão desse recurso.

Negam-nos a autorização pedida, dificultando, retardando, protelando o necessário decreto. Isso vem impossibilitar a atividade da Cia Petróleos do Brasil. Os homens contratados à custa de tanto sacrifício monetário para procederem em nosso território quatro meses de provas, nada poderão fazer já que a companhia que os contratou não pode fazer contratos de opção nos terrenos a serem examinados. E desse modo terão de regressar para a América do Norte sem que o Brasil se beneficie das vantagens incomensuráveis da série de provas previstas e para as quais a nossa empresa se formou.

Isso constitui um crime imperdoável, além de denunciar de modo esmagador que há gente paga por estrangeiros para que o Brasil não tenha nunca o seu petróleo. Em vez de, pelas funções de seus cargos, esses homens tudo fazerem para que tenhamos petróleo, quanto antes, tudo fazem para que não o tenhamos nunca. O caso é, pois, desses que pede a imediata intervenção de homens que, como V. Excia., só têm em vista os altos interesses do País.

Assim, de acordo com a promessa que V. Excia. me fez, venho denunciar a manobra da sabotagem burocrática e pedir o remédio urgente.

Esta carta atesta a luta de Monteiro Lobato pelo minério brasileiro, o que resultou ,em 1936, na obra **O Escândalo do Petróleo**. Percebe-se, nesta carta, a denúncia ousada deste autor para que houvesse intervenção política do governo que beneficiasse a exploração do petróleo pelos brasileiros. A declaração mostrou o envolvimento político e nacionalista do autor, além da coragem de se expor em assuntos que eram de interesse internacional.

Monteiro Lobato residiu, também, em Buenos Aires, onde fundou duas editoras. Retornando ao Brasil, foi morar no Rio de Janeiro e faleceu em quatro de julho de 1948, na cidade de São Paulo, aos 66 anos de idade.

Foi um dos mais influentes escritores brasileiros do século XX, editor de livros, tradutor de importantes obras estrangeiras. Foi reconhecido como importante autor pela

produção de um conjunto de obras educativas para o mundo infantil. As obras literárias infantis constituíram praticamente metade de suas obras literárias. A outra metade foi de uma produção que se caracterizou por contos, artigos, críticas, crônicas, prefácios, cartas e um romance. (Ver Anexo I, Obras de Monteiro Lobato). **A Menina do Narizinho Arrebitado** foi a mais famosa obra da literatura infantil, escrita em 1920, seguida de **Jeca Tatuzinho** (1924) e **Reinações de Narizinho** (1931).

3 Os principais problemas nacionais da Primeira República

A literatura é uma das formas de expressão literária artística responsável pela formação humana. Embora não tenha a obrigação de relatar a realidade, ela o faz e possibilita que os leitores reflitam sobre o seu conteúdo e os interpretem. Em vista disso, é importante destacar o momento de produção das obras de Monteiro Lobato, bem como os principais problemas que afligiam o território nacional.

Parte-se da premissa de que os conflitos vividos em determinados momentos históricos interferem na produção literária. Muitos dos conflitos nacionais foram mencionados na literatura produzida no período da Primeira República, tais como os de Canudos, no Nordeste, os da Guerra do Contestado, na fronteira entre Paraná e Santa Catarina, os da Revolta da Vacina, no Rio de Janeiro, os da Greve dos Operários, em São Paulo, os da luta pela prevalência da oligarquia rural, os da busca pelo desenvolvimento da industrialização, os da segregação dos negros, os do proletariado, os do nascimento da classe média urbana e os da imigração europeia.

O período que antecede a primeira obra de Lobato, **Urupês** (1918), foi de grande importância política. Iniciam-se as discussões acerca do direito do voto e estabelecem-se as primeiras legislações para efetivação do processo eleitoral.

Em 1889, depois da Proclamação da República, os analfabetos, mendigos, menores de 21 anos, mulheres, soldados rasos, indígenas e membros do clero estavam proibidos de votar, pois o voto ainda não era direito de todos. Na Constituição Republicana de 1891, pela primeira vez, estabeleceu-se o voto direto e o presidente eleito foi Prudente de Moraes. Nesta Constituição, foi introduzido o sistema de governo presidencialista em que o Presidente da República era o chefe do Poder Executivo, eleito pelo voto direto para um mandato de quatro anos, sem direito à reeleição. Tinham direito a voto todos os homens alfabetizados maiores de

21 anos. Portanto, a condição essencial para votar, além de outras, era de que o indivíduo soubesse ler e escrever. Neste momento, a sociedade se organiza para configurar a política eleitoreira.

Na Constituição da República dos Estados Unidos do Brasil (de 24 de fevereiro de 1891) Título IV, Dos Cidadãos Brasileiros, SEÇÃO I, Das Qualidades do Cidadão Brasileiro são apresentadas as condições para que o cidadão possa votar:

Art. 70 - São eleitores os cidadãos maiores de 21 anos que se alistarem na forma da lei. § 1º - Não podem alistar-se eleitores para as eleições federais ou para as dos Estados: 1º) os mendigos; 2º) os analfabetos; 3º) as praças de pré, excetuados os alunos das escolas militares de ensino superior; 4º) os religiosos de ordens monásticas, companhias, congregações ou comunidades de qualquer denominação, sujeitas a voto de obediência, regra ou estatuto que importe a renúncia da liberdade Individual. (Constituição federal de 1891)

Em 1946 o voto feminino passou a ser obrigatório. Na Constituição dos Estados Unidos do Brasil (de 18 de setembro de 1946) no Título IV, Da declaração de Direitos, no Capítulo I, Da Nacionalidade e da Cidadania, formulou-se esta decisão:

Art. 131 - São eleitores os brasileiros maiores de dezoito anos que se alistarem na forma da lei. Art. 132 - Não podem alistar-se eleitores: I - os analfabetos; II - os que não saibam exprimir-se na língua nacional; III - os que estejam privados, temporária ou definitivamente, dos direitos políticos. Parágrafo único - Também não podem alistar-se eleitores as praças de pré, salvo os aspirantes a oficial, os suboficiais, os subtenentes, os sargentos e os alunos das escolas militares de ensino superior. Art. 133 - O alistamento e o voto são obrigatórios para os brasileiros de ambos os sexos, salvo as exceções previstas em lei. (Constituição Federal de 1946)

No período da Primeira República, a condição da alfabetização para se efetivar o voto contribuiu para a discussão da importância do ensino público no país. O controle sobre o processo eleitoral desse período era realizado pelas mesas eleitorais. Instituiu-se o voto secreto, que consistia em colocar a cédula em uma carta antes de depositar na urna. Cada cédula era diferenciada por candidato, facilitando a sua identificação. Não havia lisura na apuração dos votos, as atas poderiam ser falsificadas e até apareciam votos de pessoas falecidas. O controle do processo eleitoral era exercido pelo poder central e pela política local.

Eram os coronéis que lideravam os políticos do interior, geralmente, grandes proprietários de terras que sustentavam a política das oligarquias, os representantes e os beneficiários do governo estadual e municipal. Os coronéis controlavam a política local como uma autoridade do partido Republicano; obrigavam o eleitorado a votar nos candidatos por eles indicados. Estas características, analfabetismo e alienação política, aparecem nas obras de Monteiro Lobato, em especial, nas manifestações da personagem Jeca Tatu.

O período que antecede as obras **Urupês** (1918) e **Problema Vital** (1918) foi de grandes acontecimentos na vida política, econômica e social. Ocorreu a Primeira Guerra Mundial (1914-1918) que trouxe consequências funestas para a economia mundial, inclusive o Brasil. Uma das consequências foi que os países europeus envolvidos no conflito priorizaram a industrialização de armamentos e equipamentos para a guerra. O Brasil, dependente da importação de produtos manufaturados da Europa, ficou com seu comércio interno prejudicado. Diante deste fato, iniciou-se uma política de investimento industrial. Era necessário produzir internamente os produtos manufaturados que não podiam mais ser importados. Isso possibilitou o crescimento do setor industrial no Brasil. E provocou a formação da classe operária, com organizações trabalhistas em defesa de reivindicações e interesses dos trabalhadores da indústria. As condições de trabalho nas fábricas eram degradantes para crianças, homens e mulheres que trabalhavam em turnos de 14 a 16 horas por dia, sem direito a indenização por acidente no trabalho. Essa situação no interior das indústrias motivava a ocorrência de greves que eram amparadas pelas organizações trabalhistas. Monteiro Lobato, nas suas obras, incentiva o trabalho na terra, cuja permanência já não era tão desejada, muitos deixavam o campo para tentar uma oportunidade no meio urbano. O autor faz a descrição da zona rural, do homem, do caboclo, do caipira que trabalha a terra. Sua inspiração é o Jeca Tatu.

Outro acontecimento que influenciou a literatura foi a Semana da Arte Moderna, ocorrida em São Paulo, em 1922, no Teatro Municipal. Foi uma exposição de pintura, escultura, poesia, literatura e música. O evento marcou o início do Modernismo no Brasil, lançando as bases do estilo modernista. No entanto, não deixaram de surgir críticas ferrenhas por causa da influência estrangeira que vigorava neste movimento. As críticas propiciaram a manifestação nacionalista da cultura brasileira. Este movimento alcançou vários estados brasileiros, influenciando muitos profissionais da literatura e da arte em geral.

O ano que seguiu ao lançamento de *Narizinho Arrebitado* prometia ser festivo, pois era o da comemoração do centenário da independência política. Mas 1922 acabou sendo marcante por outros fatos, todos de natureza renovadora. O primeiro, por ordem cronológica, foi a realização da Semana da Arte Moderna, em São Paulo, durante o mês de fevereiro. Reuniu os novos artistas e intelectuais num movimento que vinha crescendo desde o final da guerra européia, intensificando-se em 1921. E desdobrou-se em inúmeros episódios, os quais, de um lado, assinalam a difusão do ideário estético, por intermédio da promoção de novas exposições em São Paulo e em outros centros culturais, como Rio de Janeiro e Belo Horizonte, e do aparecimento de revistas especializadas, como *Klaxon*, *A Revista*, *Estética*, *Revista Antropofagia*, entre aquelas editadas no transcurso dos anos 20. (LAJOLO; ZILBERMAN, 1984, p. 48)

Foi na Semana da Arte Moderna que Anita Malfatti apresentou suas obras futuristas e foi criticada por Monteiro Lobato. A reação deste autor à exposição de Anita Malfatti foi de indignação. Ele publicou o artigo "Paranóia ou Mistificação". Criticou a artista por ter se permitido influenciar pela vanguarda europeia, apresentando formas extravagantes que escapavam à realidade brasileira.

Pode-se observar que Monteiro Lobato era um intelectual de opinião crítica que não se deixou influenciar pelo movimento europeu do modernismo, defendeu o nacionalismo, tanto sobre a exploração do petróleo quanto sobre as raízes culturais do país. No entanto, seu estilo de escritor acompanhava os novos tempos, foi considerado pré-modernista ao imprimir seu livro **Urupês**(1918) e **Cidades Mortas** (1919), assim como Euclides da Cunha com **Os Sertões** (1902), em que relata a Guerra dos Canudos, demonstrando a luta pela terra. A obra de Euclides da Cunha representou um marco na literatura brasileira, uma vez que seu olhar sobre a área rural foi realista e não idílico. Relatou as condições da vida do homem sertanejo, cercado por imensos latifúndios improdutivos, com constantes secas, desemprego e atingido pela crise econômica e social.

A obra de Euclides da Cunha marcou a literatura brasileira, retratou o sertão baiano e pernambucano, local de lutas em que se confrontaram o exército brasileiro e o grupo que apoiava Antônio Conselheiro, ambiente desconhecido dos grandes centros. Esse momento histórico nacional demonstrado por um novo estilo literário interferiu na produção dos autores da época. O estilo literário que revela as características da vida do povo passou a fazer parte do movimento pré-modernista em que Monteiro Lobato inaugura suas primeiras obras. Outros autores que acompanharam este movimento foram Graça Aranha, com a obra **Canaã** (1902), Lima Barreto com "**Recordações do Escrivão Isaías Caminha**" (1909) e **Triste fim de Policarpo Quaresma** (1911).

Assim, Monteiro Lobato tem sido considerado um pré-modernista na literatura brasileira. Suas características de escritor do pré-modernismo rompem com o passado, apresentando inovações sobre o regionalismo, sobre a realidade rural brasileira. Neste estilo, expôs a miséria do homem do campo, sem idealizações românticas, manifestou, nos textos, a realidade do homem do sertão de forma chocante e polêmica, por meio de denúncias. O escritor focalizou os fatos políticos, a situação econômica e social vividas pelo país, diminuindo a distância entre a realidade e a ficção.

Este estilo pode ser exemplificado por meio da carta intitulada “Velha Praga”, destinada ao **Jornal do Estado de São Paulo** (1914), na qual veiculava reclamações acerca das queimadas que eram praticadas pelos caboclos nas fazendas. A carta foi escrita por Monteiro Lobato no período em que viveu na fazenda, durante um inverno seco, sua divulgação foi acompanhada de grande repercussão e muita polêmica. Após essa publicação, o autor enviou seus contos para jornais e revistas que se tornaram matéria de grande aceitação pelo leitor. **Urupês** (1918), considerado uma obra prima do escritor, apresenta uma seleção destes contos. Jeca Tatu faz parte desta seleção e tornou-se a personagem símbolo do escritor. A partir deste conto, iniciou-se a jornada literária e política de Monteiro Lobato.

O objetivo do escritor, ao escrever para jornais e revistas, era criar um público leitor em âmbito nacional, solidário às ideias do nacionalismo. Os temas retratavam a degradação da simplicidade do homem do campo, a falta de saneamento básico, a dificuldade da vivência no campo, a miséria, a falta de acesso à cultura, a falta de educação e a marginalização social. Os temas se relacionavam ao contexto histórico do autor, caracterizando sua luta por condições dignas de vida da população.

Outro movimento que perpassou o período de Monteiro Lobato foi a defesa da eugenia. O higienismo e o racismo foram fontes inspiradoras dos intelectuais brasileiros no período da Primeira República (1889-1930). Monteiro Lobato foi um dos defensores do movimento eugênico, ou seja, apoiava aquilo que beneficiasse o aperfeiçoamento da raça, talvez essa preocupação fosse fruto de sua formação, quando teve contato com autores que expressavam estas características:

Lobato cursou a faculdade de Direito de São Paulo entre 1900 e 1904. Teve então contato com a obra de autores como Herbert Spencer (1820-1903), Charles Darwin (1809 -1882), Hippolyte Taine (1828-1893), Voltaire (1694-1778), Auguste Comte (1798-1857), Littré (1844-1900), e com destaque, Friedrich Nietzsche (1844-1900) e Gustave Le Bon (1841-1931). Destes autores dos dois últimos, absorveu as teses da superioridade racial, de

superioridade das elites sociais e a crença na possibilidade de construção de um “super-homem”. (STANCIK, 2005, p.49, grifo do autor)

Assim pode causar certa surpresa constatar-se que intelectuais como Monteiro Lobato (1882-1948), celebrizado por seus personagens infantis, entre muitos outros nomes de prestígio e projeção na sociedade brasileira, incluiu-se entre os defensores do movimento eugênico. (Idem, 2005, p.46)

Monteiro Lobato preocupou-se com a educação e a saúde no período em que se propagaram inúmeros projetos de educação higiênica com o intuito de formar homens fortes, saudáveis, produtivos e disciplinados. Homens para uma nova ordem, que pudessem diminuir o atraso, a ignorância do povo, homens que pudessem ter consciência sobre a política e a necessidade do progresso.

4 O conto Urupês e Problema Vital

Na sequência, apresentam-se as obras a serem analisadas, descrevendo uma síntese de seus conteúdos. O livro **Urupês** é uma coletânea de contos de Monteiro Lobato considerada sua obra prima e publicada em 1918. Os contos do livro são: Os faroleiros; O engraçado arrependido; A colcha de retalhos; A vingança da peroba; Um suplício moderno; Meu conto de Maupassant; Pollice Verso; Bucólica; O mata-pau; Bocatorta; O comprador de fazendas; O estigma; Velha praga e o conto Urupês.

O escritor inaugura, na literatura brasileira, um regionalismo crítico, com os dois últimos contos que foram enviados ao jornal **O Estado de São Paulo**, em fins de 1914. **Urupês** foi uma das obras mais vendidas em uma época de poucos leitores e poucas livrarias. No conto Monteiro Lobato retratou o homem do campo na sua luta pela sobrevivência e descreveu o caboclo com uma linguagem mais atinente à do caipira, recuperando vocábulos regionais e despertando o gosto pela leitura. **Urupês** de Monteiro Lobato, fez críticas ao caboclo Jeca Tatu, caracterizando-o como um ser fraco, indolente, preguiçoso e passivo. Um ser desanimado, sem forças e vontade para trabalhar, vivendo em condições precárias junto à roça. Um homem sem instrução, pleno de superstições e de crenças, sem qualquer consciência política.

Jeca Tatu ganhou status de símbolo nacional e foi, até mesmo, utilizado em campanha presidencial, em 1918, por Rui Barbosa. Tornou-se, assim, conhecido nacionalmente e foi motivo de propaganda para a política de saneamento e de higienização do país. Monteiro

Lobato, portanto, em sua caracterização do caboclo, associou duas vertentes: a pobreza causada pela doença e inércia do caipira, que tem como efeito provocar o atraso do país; e a riqueza, apontada pelo cuidado com a saúde, com o conhecimento e o trabalho, e que propicia atitudes de desenvolvimento e de progresso para o país.

A coleção dos textos selecionados para o livro **Problema Vital** (1918) reuniu os artigos que foram publicados no jornal **O Estado de São Paulo** e que versavam sobre a saúde pública, foi uma decisão da ‘Sociedade de Eugenia de S. Paulo’ e da ‘Liga Pró-Saneamento do Brasil’. Os artigos tinham como títulos: A ação de Oswaldo Cruz; Dezessete milhões de opilados; Três milhões de idiotas; Dez milhões de impaludados; Diagnóstico; Reflexos morais; Primeiro passo; Déficit econômico, função do déficit da saúde; Um fato; A fraude bromatológica; Início de ação; Iguape; A casa rural; As grandes possibilidades dos países quentes e Jeca Tatu.

O texto A ação de Oswaldo Cruz tem como conteúdo a defesa da prevenção das doenças: malária, impaludismo e anemia. Destaca a importância das medidas profiláticas para a saúde do brasileiro, tendo em vista a precária situação do morador da roça. Aponta o Jeca Tatu como um brasileiro que poderia ajudar a construir uma grande nação, mas se vê impedido pelo poder da elite. As denúncias proferidas neste livro provocaram grande repercussão na opinião pública e obrigaram o governo a adotar medidas urgentes para melhorar a saúde do povo.

5 Produções literárias de Monteiro Lobato e contexto de vida do autor

Monteiro Lobato vivenciou o início da libertação dos escravos, tinha seis anos quando a Lei que extinguiu a escravidão no Brasil foi sancionada, em 13 de maio de 1888, chamada de Lei Áurea (Lei Imperial nº 3.353). Mesmo criança, pode presenciar as consequências desta política que foi cenário para muita discussão sobre a necessidade de mão de obra para trabalhar com a lavoura. No conto **Urupês** (1918), Monteiro Lobato caracteriza a personagem Jeca Tatu como um caboclo cuja origem era de uma miscigenação, negro e outra raça. Este caboclo, indolente por natureza, não poderia servir para executar o mesmo trabalho que o negro, não se apresentava como mão de obra substituta. “Pelo 13 de maio, mal esvoaçava o florido decreto da Princesa e o negro exausto larga num uf! o cabo da enxada, o caboclo olha, coça a cabeça, imagina e deixa que o velho mundo venha e que nele pegue de novo” (LOBATO, 2009, p.169).

Segundo o autor Monteiro Lobato, Jeca Tatu não é o homem trabalhador para dar conta da lavoura, quem deve pegar na enxada é o imigrante que vem em busca de trabalho e

poderá tomar o lugar do negro. Não tem ânimo para o trabalho e desconhece o seu papel de cidadão. É apresentado pelo escritor como alguém que nada sabe sobre a política de seu país, desconhece até mesmo seus dirigentes. É um alienado político porque não percebe a mudança de um modelo de governo para outro, quando ocorreu, por exemplo, a Proclamação da República, “o país bestifica-se ante o inopinado da mudança. O caboclo não dá pela coisa” (LOBATO, 2009, p.169).

A primeira Constituição da República (1891), que instituiu o presidencialismo e o voto aberto, implantou o voto universal para os cidadãos, com exceção das mulheres, dos analfabetos e dos militares de baixa patente. O escritor acreditava que era importante o cidadão saber votar com consciência política e escolher seus representantes e governantes para melhorar o país. Expressa sua indignação pelo fato de o homem do campo não acompanhar a política, não se preocupar com a escolha dos seus representantes e dirigentes, que interfeririam na vida dos homens e do país. Critica indivíduos como o Jeca Tatu que, alheio a tudo que se passa ao seu redor, coloca seu voto como ato importante, mas sem possuir nenhuma consciência política. Encena, dessa forma, a participação da eleição na escolha do candidato, mas não passa de um ato de ignorância, no sentido de desconhecimento e de atraso do homem rural, por isto, torna-se um marginalizado socialmente, sem direito à educação.

O fato mais importante de sua vida é sem dúvida votar no governo. Tira nesse dia da arca a roupa preta do casamento, sarjão furadinho de traça e todo vincado de dobras, entala os pés num alentado sapatão de bezerro; ata ao pescoço um colarinho de bico e, sem gravata, ringindo e mancando, vai pegar o diploma de eleitor às mãos do chefe Coisada, que lho retém para maior garantia da fidelidade partidária. Vota. Não sabe em quem, mas vota. Esfrega a pena no livro eleitoral, arabescando o aranhol de gatafunhos a que chama "sua graça." (LOBATO, 2009, p.173, grifo do autor)

Este homem do campo que vive alheio ao compromisso político do voto, sem a necessária alfabetização, desconhece os direitos e os deveres de um patriota, de um cidadão. Não manifesta sentimentos pela defesa da nacionalidade, assunto em pauta no período, quando o país se defronta com revoltas e guerras¹ que impregnam o país de inúmeras consequências que vão além da data cronológica dos fatos. É diante das consequências destes fatos que o escritor revela a realidade do homem do campo, afirmando sua falta de

^{*1} Durante o governo de Hermes da Fonseca (1910 a 1914), ocorreu a Revolta da Chibata (1910), Guerra do Contestado (1912-1916) . A Guerra do Paraguai foi um conflito militar na América do Sul (1864 e 1870). O Paraguai lutou contra a Tríplice Aliança formada por Brasil, Argentina e Uruguai.

consciência sobre os seus deveres e direitos, ao criticar que o homem que não sabe quem é o presidente da República, não tem civismo, não age em defesa de valores e deveres de um país.

Perguntem ao Jeca quem é o presidente da República. - O homem que manda em nós tudo. -Sim, pois de certo há de ser imperador. Em matéria de civismo não sobe de ponto. -Guerra? Te esconjuro! Meu pai viveu afundado no mato pra mais de cinco anos por causa da guerra grande. Eu, para escapar do ‘reclutamento’, sou inté capaz de cortar um dedo, como meu tio Lourenço... (LOBATO, 2009, p.174).

Outro fato ocorrido no período republicano foi a busca da erradicação da varíola, com a aprovação da Lei da Vacina Obrigatória (1904). A Lei permitia que as brigadas sanitárias, acompanhadas por policiais, entrassem nas casas para aplicação da vacina à força. A medida foi adotada porque a população rejeitava a vacina contra a varíola, o que provocou a Revolta da Vacina, em novembro de 1904. A população estava confusa porque os jornais da oposição do governo divulgavam boatos acerca de que a vacina teria de ser aplicada nas "partes íntimas" do corpo e as mulheres deveriam despir-se diante dos vacinadores. A reação popular, chamada de Revolta da Vacina, levou o governo a suspender a obrigatoriedade da vacina. No entanto, o controle da situação foi retomado e o processo de vacinação foi reiniciado, levando à erradicação da varíola na capital. Monteiro Lobato, favorável a esta decisão política sobre a vacina, acreditando na proteção da saúde por um método científico que poderia proteger as pessoas, impedindo o sofrimento diante da doença, manifestou seu apoio ao governo para que se responsabilizasse pela educação e pela prevenção da saúde do povo.

Monteiro Lobato, escritor e jornalista, desejava o progresso do país e defendia a aplicação da ciência para prevenir a saúde do povo. O Jeca Tatu é a demonstração do homem do campo tido como ignorante, que desconhece as mais simples informações a respeito das doenças e a importância da capacidade do médico para explicá-las cientificamente, fazendo o diagnóstico, tratando e impedindo a sua evolução. Em vista desta falta de conhecimento, o Jeca cuida da sua saúde por intermédio de superstição e de magia.

Para “quebranto de ossos”, já não é tão simples a medicação. Tomam-se três contas de rosário, três galhos de alecrim, três limas de bico, três iscas de palma benta, três raminhos de arruda, três ovos de pata preta (com casca; sem casca desanda) e um saquinho de picumã; mete-se tudo numa gamela d’ água e banha-se naquilo o doente, fazendo-o tragar goles da zurrapa. É infalível!(LOBATO, 2009, p.175, grifo do autor)

Tendo diante dos olhos a figura débil do caipira brasileiro, homem rural, cuja miscigenação era resultado do cruzamento do homem negro com o caboclo, Monteiro Lobato defendeu o movimento eugênico que tinha por premissa a superioridade racial. O escritor foi leu as teorias científicas que surgiram nos séculos XVIII e XIX e que defendiam a ideia de que a raça negra era inferior, do ponto de vista cognitivo e sociocultural e, ainda, violenta e arruaceira, preguiçosa, viciada, imorais, vagabundas, incapaz para o exercício do trabalho livre, apreciadora do álcool e da marginalidade, inimiga da civilização e do progresso. Estas teorias apontavam a miscigenação, ou seja, a combinação de raças como a que gerava um tipo de indivíduo apático, preguiçoso, passivo e fraco.

Nada o esperta. Nenhuma ferrotoada o põe de pé. Social, como individualmente, em todos os atos da vida, Jeca, antes de agir, acocora-se. Jéca Tatu é um piraquara do Paraíba, maravilhoso epítome de carne onde se resumem todas as características da espécie. (LOBATO, 2009, p.169)

No conto Urupê, o autor apelida o Jeca Tatu de urupê, uma espécie de fungo, um parasita. E, como tal, é indolente, preguiçoso, vive agachado sobre os calcanhares, impenetrável ao progresso. É a miscigenação que o embebe de preguiça, que o impede de, até mesmo, levantar-se.

Porque a verdade nua manda dizer que entre as raças de variado matiz, formadoras da nacionalidade e metidas entre o estrangeiro recente e o aborígene de tabuinha no beijo, uma existe a vegetar de cócoras, incapaz de evolução, impenetrável ao progresso. Feia e sorna nada a põe de pé. (LOBATO, 2009, p.169)

Este Jeca que é visto como preguiçoso, que vive à base do menor esforço, alimenta-se apenas do que a natureza lhe oferece. Sem se preocupar com a produção, colhe o que pode dar natureza.

Da terra só quer a mandioca, o milho e a cana. A primeira, por ser um pão já amassado pela natureza. Basta arrancar uma raiz e deitá-la nas brasas. Não impõe colheita, nem exige celeiro. O plantio se faz com um palmo de rama fincada em qualquer chão. Não pede cuidados. Não a ataca a formiga. A mandioca é sem vergonha. (LOBATO, 2009, p.172)

O mobiliário da sua casa (casebre) é escasso, havia apenas um banquinho de três pernas, o que lhe poupava o trabalho de nivelar o chão, para as visitas.

Às vezes se dá ao luxo de um banquinho de três pernas - para hóspedes. Três pernas permitem equilíbrio inútil, portanto, meter a quarta, o que ainda o obrigaria a nivelar o chão. Para que assentos, se a natureza os dotou de sólidos, rachados calcanhares sobre os quais se sentam. (LOBATO, 2009, p.170)

Nenhum talher. Não é a munheca um talher completo - colher, garfo e faca a um tempo? No mais, umas cuias, gamelinhas, um pote esbeiçado, a pichorra e a panela de feijão. Nada de armários ou baús. A roupa, guarda-a no corpo. Só tem dois pares, um que traz no uso e outro na lavagem. Os mantimentos apaiola nos cantos da casa. Inventou um cipó preso à cumieira, de gancho na ponta e um disco de lata no alto, ali pendura o toucinho, a salvo dos gatos e ratos. (Idem, 2009, p. 171)

Após a Primeira Guerra Mundial, a produção literária tornou-se marcadamente nacionalista. As condições sanitárias das cidades eram deploráveis, um obstáculo para a modernização, o que contribuiu para o desenvolvimento do movimento de saúde pública. O escritor, influenciado pelas ideias do saneamento, lutou para divulgar as necessidades do sertão, tirá-lo do abandono, criar condições sanitárias, um dos anseios nacionalista.

O ano de 1916 marca talvez o ponto de inflexão na evolução do movimento de saúde pública brasileira. É o ano de publicação, pelo Instituto Oswaldo Cruz², dos cadernos de viagem dos médicos Artur Neiva³ e Belisário Pena⁴ através de vários estados do nordeste e Goiás. A missão do Instituto, realizada em 1912, denunciou as péssimas condições de vida no interior do país. [...] O trabalho de Artur Neiva e Belisário Pena permitiu às elites urbanas uma visão decisiva das condições médico-sanitárias e sociais no grande sertão. O relatório apresenta um quadro social dos sertões à maneira de Euclides: os autores confrontam os problemas sociais como se estivessem a procura de doenças em um organismo social, estabelecendo causas e observando sintomas. Ao apontar as causas, criticam a visão, difundida pelas oligarquias, de que a pobreza e a doença se explicariam pelo clima adverso do nordeste. (SANTOS, 1985, p.7)

² Oswaldo Cruz (1872-1917) cientista, médico bacteriologista, epidemiologista e sanitarista brasileiro. Foi o pioneiro no estudo das moléstias tropicais e da medicina experimental no Brasil. Fundou, em 1900, o Instituto Soroterápico Nacional no bairro de Manguinhos, no Rio de Janeiro, transformado em Instituto Oswaldo Cruz, respeitado internacionalmente.

³ Artur Neiva (1880-1943), diplomado pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, foi aluno de Oswaldo Cruz. Um dos cientistas mais renovados do Instituto Oswaldo Cruz. Dedicou-se à profilaxia e entomologia médica, conhecedor exímio do bicho barbeiro, inseto transmissor da doença de Chagas. Realizou diversas campanhas sanitárias.

⁴ Belisário Pena (1868-1939), médico sanitarista brasileiro, colaborou no combate à febre amarela, malária e outras doenças. Foi um dos introdutores, no Brasil, da teoria da eugenia e membro ativo da Comissão Central Brasileira de Eugenia, da qual se originou a Liga Pró-Saneamento. Autor do livro **Saneamento do Brasil** (Rio de Janeiro, 1918).

Monteiro Lobato manifesta sua opinião favorável sobre a escolha destes sanitaristas, sem deixar de apontar críticas à política do governo, no livro **Problema Vital**:

O governo paulista, em hora feliz de inspiração, pôs de parte mesquinhas injunções políticas e para superintender no serviço de higiene escolheu uma competência. Artur Neiva, o cientista no rigor do vocábulo, filho de Manguinhos e discípulo dileto de Oswaldo Cruz, distinguira-se por tal capacidade de trabalho e tão superior visão que, na frase de Carlos Seidl, se tornou logo um homem disputado. (LOBATO, 2010, p.77)

Ponto de partida deste movimento entronca em Oswaldo Cruz. A escolha deste homem para chefe da higiene no Rio foi o maior passo, talvez o único, dado pelo país durante a República para arrancar-se ao atoleiro onde lentamente afundava.

Foi Oswaldo Cruz quem venceu com a seringa, com lenço de rapé, com a cartola do mato-sano, e entronizou no lugar dessas rancidas antigalhas o laboratório e o microscópio. (Idem, 2010, p24-25)

Como um defensor da saúde do povo, Monteiro Lobato não poderia deixar de valorizar as pesquisas científicas por suas descobertas de causas e prevenção de doenças. Elogia Louis Pasteur (1822-1895), cientista francês, criador da vacina contra a raiva, cuja experimentação fundamentou a teoria microbiológica da doença e, ainda, criou o processo de pasteurização, método de purificação que impede a transmissão de doenças por meio da ingestão de leite ou do vinho. O escritor tece críticas à elite governante, ao citar os destacados pesquisadores.

Oswaldo, Gaspar Viana, Chagas, Neiva, Lutz, Astrogildo, Chaves, Vilela e Belisário Pena fizeram num lustro o que a legião de chernovizantes anteriores não fez num século. Não que não sejam criaturas de exceção, gênios incendiados de fagulhas divinas; mas simplesmente porque, aparelhados com os métodos modernos, trabalharam norteados pelo seguro critério pasteuriano. (LOBATO, 2010, p.25)

No artigo “Dezessete milhões de opilados”, o escritor descreveu de forma arrepiadora dois parasitas intestinais, o *necator americanus* e o *ancilostoma duodenale*. Declara, de maneira assombrosa, a realidade de um doente quando infestado pelo parasita e que pode ser seu transmissor.

Não existe ser mais aparelhado para a sobrevivência do que este ascoroso verme. Cada fêmea dá-se ao trabalho de pôr em média seis mil ovos por dia, e como é por milheiros que vivem penduradas na mucosa de um pobre intestino, cada doente funciona como um oviduto, uma indireta máquina de lançar ovos, com as fezes, à superfície da terra. Em contato com a terra estes

ovos amadurecem, e 25 horas depois, completada a incubação, salta fora do ovo a ninfa. (LOBATO, 2010, p.28)

A contaminação do homem do campo pelo parasita torna-o doente, incapaz para o trabalho, e ressalta a importância da prevenção. Afirma bastar usar sapatos e não evitar o uso da fossa. No entanto, uma tarefa fácil pode se tornar difícil se as autoridades não procurarem mudar a situação. E, ainda, critica a ignorância daqueles que só enxergam o que está à frente dos olhos, é palpável.

Seria uma tarefa talhada às câmaras municipais e aos inspetores de bairro – em contato direto como vivem eles com gente assolada. Mas de que modo convencer a um coronel prefeito de câmara, ou tenente inspetor de quartirão, da existência, vida, costumes e atividade de um verme que ele não vê? Estes espíritos fortes só creem no que seus olhos enxergam... disso resulta difícilíssima extinção dum mal de fácilíssima extinção. (LOBATO, 2010, p31)

No artigo “Três milhões de idiotas”, Lobato descreve a habitação do *Trypanossoma Cruzy*, parasita que provoca a moléstia de chagas, chamado de bicho barbeiro, que infecta a pessoa por sua picada. O infectado torna-se vítima de perturbações cardíacas, ou paralisia, deformações e cretinismo ou vários fenômenos de endocrinismo. O barbeiro tem seu habitat favorável nas casas de barro e sapé, como as utilizadas pelo homem rural, por isso é comum o caboclo adquirir a doença de chagas.

O nosso tipo de habitação rural não varia de norte a sul. Paredes de pau a pique ripadas de taquara, barreadas a mão e colmadas de sapé, palmas ou cascas de árvore. O barro ao secar contrai-se e lagarteia-se de inúmeras rachaduras, propício à ninhação de insetos domiciliários (LOBATO, 2010, p.34).

Essa espécie de moradia denuncia a falta de elementos básicos para a vida com dignidade, a alimentação, noções de higiene, saúde e educação, que poderiam conduzir a melhores condições humanas. Essa situação do caboclo, afirma o escritor, é pela falta de atenção das autoridades e aponta a solução, declarando que a única forma de resolvê-la é o programa patriótico de sanear o Brasil, que é propalado, mas não cumprido.

Fala-se hoje em pátria mais do que nunca. Jamais o dispêndio de hinos, versos, conferências, artigos, livros, boletins e discursos patrióticos foi

maior. No fundo de tudo isso, porém, está a retórica vã, a mentira, a ignorância das verdadeiras necessidades do país. (LOBATO, 2010, p.38)

No artigo “Dez milhões de impaludados”. Monteiro Lobato descreve a malária como doença responsável pela degradação fisiológica do povo brasileiro. Explica que a profilaxia da malária é a mesma da febre amarela, ou seja, isolamento, higiene preventiva e remédio fabricado pelo Instituto Butantã. São doenças que podem ser evitadas pelos brasileiros que trabalham, principalmente na zona rural. No entanto, a falta de conhecimento os impede de fazer a prevenção. E explica que é a fêmea a causadora da doença.

O anofelino é silvestre, vive no sombrio das matas, foge ao descampado e à luz. Os machos, fracos de tromba, não conseguem perfurar o homem, e por isso vivem do mel das flores e do suco das frutas. Já as fêmeas desadoram esse vegetarianismo, querem sangue e de preferência sangue humano. Para isso, invadem as habitações e o sugam das pessoas adormecidas (LOBATO, 2010, p.41).

No artigo “Diagnóstico”, a sífilis é focalizada como a grande causa da mortandade das crianças. As mulheres procriam desde cedo e, na maioria, seus filhos nascem mortos ou morrem na primeira idade. A população, para esquecer sua miséria e tristeza, recorre à cachaça.

Desnutrido pela parca e má alimentação, afriorentados pelas sezões, exaustos pela ancilostomose, deprimidos de espírito pelo tripanossoma, sem raio de instrução na cabeça, escravizados pelo “graúdo”, a cachaça é oásis de esquecimento (LOBATO, 2010, p.47).

O escritor, referindo-se à situação miserável da população brasileira, afirma que os estudos realizados e divulgados por Belisário Pena, Carlos Chagas e Oswaldo Cruz impedem o governo de alegar ignorância sobre a realidade nacional.

Belisário Pena transcreve no seu precioso livro um trecho tomado a um editorial do Correio da Manhã, onde se esculpe, num sombrio rigorismo de síntese, o diagnóstico da situação: “ O Brasil é um país de doentes no sentido literal da expressão. A nossa miséria financeira e econômica é o reflexo da desnutrição orgânica que converte a maioria dos nossos concidadãos em inúteis unidades sociais, incapazes de concorrer com a quota do seu esforço para o aumento da riqueza comum .(LOBATO, 2010, p.48)

Esta realidade impossibilita o desenvolvimento do Brasil. Não concorre para aumentar a riqueza nacional, no entanto, os políticos agem com dissimulação, como se o problema não existisse. O autor tem sensibilidade para observar as necessidades do povo e não se intimida em se declarar criticamente.

No artigo “Reflexos Morais” o escritor analisa a conduta da política que envolve o Regime Republicano. Percebe e declara sua indignação pela política que não reage para enfrentar as mazelas sofridas pela população, fica no descaso.

Foi esta resignada atitude da montaria que deu asas ao parasitismo político, a ponto de, hoje, fazer conta à casta que se goza da república a permanência da mazela popular. Eis porque as doenças se agravam sem que os governos das zonas flageladas esbocem contra elas um movimento de reação (LOBATO, 2010, p.530).

E questiona se é dessa forma que conseguirão alcançar a independência econômica financeira, o civismo, estabelecer a vida, a moral e a saúde do povo brasileiro.

Ao defender o saneamento nacional, o autor escreve o artigo “Primeiro Passo”. Comenta que, para haver cura da doença provocada pela falta de saneamento, de higiene, de medidas profiláticas, para as quais a política não usa de nenhum esforço, é o indivíduo que deve se convencer de que está doente. Esta não é tarefa fácil, é preciso esforço para sair da ilusão vivida pelo doente. Mais difícil, ainda, é convencer, conscientizar o povo. A crítica que o escritor faz recai sobre os discursos propagados desde a infância, durante a vida escolar, ao declarar que o Brasil é um país rico, belo e florido, quando a prática é reveladora de que o povo está doente, pobre e miserável. É necessário que os discursos explicitem os problemas com uma visão científica e não com discursos inflamados de falsidade.

O primeiro passo, pois, para o saneamento do Brasil, consiste em matar esta ilusão, desprezar a opinião do suborno externo e a mentira pia interna, não mais soprar gaitinhas patrióticas, não ser otimista nem pessimista-polos do mesmo erro e sim, pura, sincera e exclusivamente, verdadeiros.

O nosso problema, verificado que foi o mau estado da população, nativa, é simples e uno: sanear. Para Sanear é forçoso, preliminarmente, convenceremos o país da sua doença: e em seguida fazer dessa ideia o programa de todos os governos, a ideia fixa de todos os particulares. Tudo mais rola para plano secundário. Sanear é a grande questão (LOBATO, 2010, p.58-59).

No artigo “Déficit Econômico”, Monteiro Lobato busca em Cincinato Braga (1864-1953), um político brasileiro que conhece a situação econômica do país, subsídios para fortalecer suas ideias sobre a economia.

Cincinato Braga demonstrou que o Brasil exporta, média do decênio findo 1916, 57 milhões esterlinos; e que despende, nas mesmas condições, para pagamento de mercadorias, juros de dívida, renda de capitais aqui localizados, remessa monetária de imigrantes, seguros etc., a quantia de 72 milhões de libras. Quer isso dizer que nós nos empobrecemos de 300mil contos por ano! (LOBATO, 2010, p.62)

Para o escritor, o problema da riqueza pública está ligado ao da saúde do povo brasileiro. Por isso questiona a forma de gastos do governo com o dinheiro público por não investir recursos na saúde, o que reverteria em benefício para a população e para a economia nacional.

Metade da verba despedida pelo Tesouro a fim de perpetuar fotograficamente as efigies dos pares dos republicanos daria para extirpar de meio país a opilação. Com os 10 mil contos gastos no recenseamento de Hermes, para recensear nunca se soube o quê, a maleita seria expungida de inúmeras zonas assoladas. Com 40 mil contos aplicados nas vilas operárias, adeus para sempre ao barbeiro (LOBATO, 2010, p.63).

Conforme informações sobre a distribuição de verbas, Monteiro Lobato não deixa escapar suas críticas. A verba destinada para a saúde era de mil contos como auxílio à obra do higienista Belisário Pena. Essa irrisória verba era insuficiente para socorrer todos os que necessitavam de atendimento de saúde, assim, mais uma vez, o escritor se posicionou declarando:

Sempre cabem 50 reis para cada duodeno afetado. Esta quantia, reduzida a mil, dá para matar pelo menos uma dúzia de ancilóstomos dos três milheiros que, em média, cada doente traz consigo. Os 2.988 ancilóstomos restantes ficarão aguardando verba... (LOBATO, 2010, p.64).

No artigo “Um fato”, o escritor narra um acontecimento sobre um grupo de frades agricultores vindos da França. Fundaram a *Trappa Maristella* à beira do Paraíba, no Tremembé. Encontraram, ao chegar, a população local com péssimas condições de vida. Os frades procuraram resolver o problema de um homem que tinha fama de indolente, incapaz para o trabalho. Este homem não era capaz de trabalhar na sua terra, tirava apenas o que necessitava para a sua subsistência. Como os frades perceberam que estava mal alimentado,

tendo péssimas condições de moradia, de higiene e, ainda, doente, decidiram alimentá-lo, dar-lhe moradia com boas condições de higiene sanitária e curar-lhe da doença endêmica. O resultado deste tratamento foi uma ressurreição. O pobre homem de nome Jeca Tatu tornou-se um homem sadio, ativo e trabalhador. Logo que foi recuperando a saúde, suas faculdades mentais foram se beneficiando e teve condições de aprender as coisas necessárias a um bom operário.

Bem graças à inteligência da solução dada ao problema, pôde a Trappa movimentar toda a sua enorme exploração arrozeira, a mais aperfeiçoada que existe no estado, fazendo funcionar as mais modernas máquinas de lavar, plantar, ceifar (LOBATO, 2010, p.68).

O escritor narra este fato para mostrar o caminho que deve ser seguido por outros e manifesta que o governo nunca levou em conta a questão da higiene do homem, saneamento básico e saúde, para solucionar o problema do trabalho agrícola. Enfatiza que curar o homem do campo é criar a riqueza, é estabelecer os verdadeiros alicerces da restauração econômica e financeira. E, também, acrescenta que o caipira não é assim, ele está assim, ou seja, o Jeca Tatu é um homem que possui ótimas qualidades, de resistência e de adaptação, é capaz de trabalhar quando possui forças, quando está com saúde. Era por causa da sua doença que não apresentava ânimo para nada. Com estas palavras, Monteiro Lobato recupera a personagem do Jeca Tatu e afirma a sua fé no brasileiro.

E é assim porque está amarrado pela ignorância e falta de assistência às terríveis endemias que lhe depauperam o sangue, catequizam o corpo e atrofiam o espírito. O caipira não “é” assim. Está assim. Curado, recuperará o lugar a que faz jus no concerto etnológico (LOBATO, 2010, p69)

No artigo “Fraude Bromatológica”, o escritor tece comentários sobre a saúde pública e sobre a defesa sanitária. A população se encontra indefesa quanto ao comércio farmacêutico de produtos falsificados, não leva em conta que ao adquirir produtos falsificados, coloca em risco a própria saúde.

A lepra cresceu como maré. Raro é o dia em que não rebenta nos jornais um caso de falsificação. Cada falsificador tem a sua cauda uma coorte de advogados administrativos, prepostos a inutilizar a ação dos poderes públicos, porque não há melhor negócio do que defender um falsificador. Gente que paga bem! (LOBATO, 2011, p.71)

Monteiro Lobato afirma que a falsificação tomou conta do comércio, falsifica-se óleo de oliva, marmelada, farinha de mandioca, bebidas alcoólicas.

Em matéria de bebidas alcoólicas a Europa curva-se diante de São Paulo. Falsifica-se tudo. Vermutes em garrafas legítimas são vendidos a 2 e 3 mil-réis; analisados, revelam até mirra e álcool etílico. Os conhaques idem. Há um grande comércio de garrafas vazias com rótulos perfeitos; vidros vazios de perfumes de boa marca são pagos a 2 e 3 mil reis .(LOBATO, 2010, p.72-73)

O autor relata que pior é a situação das drogas, em especial, na cidade de São Paulo que é o centro das fraudes bromatológicas. Critica a resignação das pessoas diante da fraude e do problema da higiene sanitária. Não se luta contra o barbeiro da cidade e tampouco contra o barbeiro dos campos.

Lobato, após entrar em contato com as pesquisas sobre a saúde pública dos médicos sanitaristas Belisário Pena e Artur Neiva, revê seu juízo sobre o Jeca Tatu do conto Urupês (1918) e reformula a imagem da personagem. E escreve o conto Jeca Tatu com um novo título: “A ressurreição”.

Jeca Tatu era um caboclo que morava no mato com a família, numa casinha de sapé. O casebre era muito pobre, não possuía recursos. O caboclo não tinha ânimo para nada. Enfraquecido, não conseguia carregar peso, nada valia fazer o menor esforço, a não ser tomar pinga para esquecer as desgraças da vida. Jeca Tatu era proprietário de muitos alqueires de terras, mas não sabia aproveitá-los.

Plantava todos os anos uma rocinha de milho, outra de feijão, uns pés de abobora e mais nada. Criava em redor da casa um ou outro porquinho e meia dúzia de galinhas. Mas o porco e as aves que cansassem a vida, porque Jeca não lhes dava o que comer. Por este motivo o porquinho nunca engordava, e as galinhas punham poucos ovos (LOBATO, 2010, p.103).

As pessoas o apontavam como preguiçoso, incapaz, indolente e bêbado. Um dia um doutor apareceu por lá para se livrar da chuva e ficou espantado por ver tanta miséria. Resolveu examinar o Jeca Tatu que estava muito amarelo. Diagnosticou que o caboclo estava com ancilostomose, amarelão. Explicou que esta doença causava anemia, moleza, desânimo e receitou-lhe o remédio adequado. Disse-lhe para comprar um par de botinas, que não deveria andar descalço e que precisava deixar de beber pinga. Jeca Tatu não acreditou muito nas

palavras do doutor, porém, comprou os remédios e as botinas. Quando o médico retornou, Jeca estava bem melhor. E mostrou-lhe o que havia saído das suas tripas com uma lente.

- Veja, seo Jeca, que bicharia tremenda estava se criando na sua barriga! São os tais ancilóstomos, uns bichinhos dos lugares úmidos, que entram pelos pés, vão varando pela carne adentro até alcançarem os intestinos. Chegando lá, grudam-se nas tripas e escangalham com o freguês. Tomando este remédio você bota para fora todos os ancilóstomos que tem no corpo. E andando sempre calçado, não deixa que entrem os que estão na terra. Assim fica livre da doença pelo resto da vida (LOBATO, 2010, p.105).

Monteiro Lobato retrata Jeca Tatu de forma diferente da que o fez em Urupês. Ao rever sua posição, considerou, neste conto, que a falta de interesse do Jeca pelo trabalho era em decorrência das doenças causadas pelo parasito *ancilostomose duodenalis*, e pela falta de higiene. Três meses depois, Jeca era outra pessoa, cheio de coragem, não parava de trabalhar. Sua terra produziu milho e feijão. Queria cultivar melhor a terra e comprar uma enorme fazenda.

Em pouco tempo os resultados foram maravilhosos. A porcada aumentou de tal modo que vinha gente de longe admirar aquilo. Jeca adquiriu um caminhão Ford, e em vez de conduzir os porcos ao mercado pelo sistema antigo, levava-os de auto, num instantezinho, buzinando pela estrada afora; *Fom-fom! Fom-fom!...* (Lobato, 2010, p.109).

Jeca Tatu enriqueceu e passou a ser estimado pelos vizinhos e, até, resolveu ensinar o caminho da saúde aos outros, montou vários Postos de Combate à Maleita e à Ancilostomose. O seu patriotismo era demonstrado pela vontade de curar gente da roça. Morreu aos 89 anos, com a consciência tranquila, pois havia cumprido o seu dever até o fim.

Meninos nunca se esqueçam desta história; e quando crescerem tratem de imitar o Jeca. Se forem fazendeiros, procurem curar os camaradas da fazenda. Além de ser para eles um grande benefício, é para vocês um alto negócio. Vocês verão o trabalho dessa gente produzir três vezes mais. Um país não vale pelo tamanho, nem pela quantidade de habitantes. Vale pelo trabalho que realiza e pela qualidade da sua gente. Ter saúde é a grande qualidade de um povo. Tudo mais vem daí (LOBATO, 2010, p.111).

O conselho que o escritor dá às crianças que leem seu conto é educativo, mostrando o Jeca Tatu como exemplo de recuperação e de esforço. Assim, Monteiro Lobato, por intermédio de seus escritos, manifestou sua luta política para assegurar a saúde do povo aos

moradores da área rural que são marginalizados, abandonados politicamente, a sua própria sorte. As denúncias do escritor não são fictícias, são resultados de observações da realidade, da qual retira a essência para compor seus artigos, seus contos. Não age de forma aleatória compondo seus conteúdos, tem intenção de expor problemas, de apontar soluções que encenam a vida real com um estilo cativante, sem erudição, com simplicidade e clareza que toca a sensibilidade do leitor. Apresenta suas críticas políticas sem temor das consequências que até o levaram para o exílio e queimaram suas obras. Persistente, não perdeu a esperança de ter um Brasil melhor, fruto do trabalho de muitos Jecas.

Considerações finais

As relações que o homem estabelece com o outro acontecem por intermédio da comunicação, do conhecimento e da cultura. O seu nível de consciência sobre estas relações poderá torná-lo mais ou menos crítico a respeito do mundo em que vive. Os escritores são seres humanos que vivem em uma determinada época, em determinado contexto histórico e são produtos do seu ambiente sócio-cultural, intelectual, econômico, político e social. A visão do autor pode ser expressa na literatura por meio da sua linguagem, do seu discurso e da representação de mundo que quer transmitir ou na qual está inserido.

As obras literárias podem tratar ou não das questões, dos problemas que a nação está vivendo, isto depende do interesse ou postura do autor. Quando retratam parte dos problemas que afetam a população no seu dia a dia, fica implícita a reflexão e a ação do leitor em relação à postura do autor. Permite aos homens refletir sobre a sociedade, ter consciência da realidade que os cerca e, ao mesmo tempo, ao ler sobre o que lhes diz respeito, pode despertar-lhes o gosto pela leitura, pela informação, pelo conhecimento.

Este trabalho possibilitou estudar a contextualização histórica na qual as obras de Monteiro Lobato foram produzidas, período da Primeira República, 1989-1930. Permitiu conhecer o contexto vivido pelo autor na época da publicação dos livros selecionados para análise, o conto **Urupês** (1918), a obra **Problema Vital** (1918) os artigos e, em especial, o conto do Jeca Tatu com o título “A ressurreição”. Na sua explicitação, é possível reconhecer os elementos sociais econômicos que lhe são adjacentes e que transtornam a vida do cidadão, sobretudo, pela falta de informação, o que se adquire pelo acesso à educação, à alfabetização de um povo.

A relação entre a criação literária e o contexto vivido por Monteiro Lobato no revelou vários elementos: econômicos-riqueza e pobreza; políticos; falta de programas de

ordem social, para saúde, saneamento e educação ; e os de ordem social, ignorando o homem do campo ou assistindo-os com programas sociais. Monteiro Lobato foi um intelectual engajado que discutiu, por meio de suas obras, as grandes questões debatidas na sociedade da época e que criou a personagem símbolo do Brasil, um personagem nacional, Jeca Tatu, que inspirou a saúde do povo por décadas. O autor, com tom de crítica, mostrou ao leitor os problemas da saúde, da educação, da política, da economia, da sociedade por meio da literatura. Por meio da criação literária o escritor transmitiu sua indignação sobre os problemas do homem do campo e da sociedade, desconsiderados pelo governo.

A literatura, neste caso, refletiu os acontecimentos da vida real do escritor, da época em foram publicadas as obras. Produziu um discurso com estilo próprio, caracterizando até a fala do caipira em determinado contexto histórico e, por meio do conteúdo, comunicou sua visão de mundo. O escritor desejava que seus leitores assimilassem seus argumentos e explicações, não como receptáculos de informações, mas para que se tornassem sujeitos ativos que conseguissem refletir sobre as próprias vidas, diferente do Jeca alienado, passivo, sem conhecimento sobre seus direitos e deveres. Ele fez entender que o conhecimento adquirido pode ser transformado em outro conhecimento, que as opiniões e a visão de uma determinada realidade podem ser alteradas (como a dele, que retratou o mesmo Jeca com um novo olhar: Urupês e Ressurreição), por meio da ciência, da educação, do esclarecimento e da força de vontade, ao querer compreender a verdade.

A literatura assume a função mediadora entre os acontecimentos da vida e as situações próximas às reais. O leitor, ao entrar em contato com a literatura, pode encontrar informações relevantes, dados para comprovar e ideias inovadoras para solucionar problemas. Assim, entende-se que a literatura apresenta uma correlação com a realidade, por vezes intensa, por vezes sutil, por vezes de forma camuflada que só transparece por entre linhas. Mas a realidade não escapa ao raciocínio do escritor, é seu ponto de partida...

Referências

AZEVEDO, C. L. de; CAMARGOS, M; SACCHETTA, V. **Monteiro Lobato furacão na Botocúndia**. São Paulo: Ed. SENAC, 1997.

BIOGRAFIA DE MONTEIRO LOBATO. Vida e obra. Disponível em: <http://pt.shvoong.com/books/biography/1660545-monteiro-lobato-vidaobra/#ixzz27yHyeuU8>
Acesso em 08 set. 2012.

BOSI, Alfredo. **História Concisa da Literatura Brasileira**. São Paulo: Cultrix, 1983.

_____. **O Pré-modernismo**. São Paulo: Cultrix, 1966

BRANCO, Carlos Heitor Castelo. **Monteiro Lobato e a parapsicologia**. São Paulo: Quatro Artes Editora, 1972.

BRASIL. Constituição (1891). **Constituição da República dos Estados Unidos do Brasil** Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao46.htm> .Acesso em: 11 set.2012.

BRASIL. Constituição (1946). **Constituição dos Estados Unidos do Brasil** . Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao46.htm>. Acesso em: 11 set.2012.

BRASIL, Padre Sales. **A literatura infantil de Monteiro Lobato ou comunismo para crianças**. São Paulo: Editora Livraria Progresso, 1957.

CANDIDO, Antônio. **Literatura e Sociedade**. 6. ed. São Paulo: Nacional, 1980.

_____. **Os parceiros do Rio Bonito**: estudo sobre o caipira paulista e a transformação dos seus meios de vida. 4 ed. São Paulo: Duas Cidades, 1977.

CAVALHEIRO, Edgar. **Monteiro Lobato: vida e obra**. 2 v. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1955.

CÁS. Danilo da. **Manual teórico-Prático para elaboração metodológica de trabalhos Acadêmicos**. São Paulo: Jubela Livros, 2008.

LAJOLO. Marisa; CECCANTINI. João Luís, **Monteiro Lobato livro a livro**. São Paulo: Edunesp, 2009.

LOBATO, Monteiro **Carta de Getúlio Vargas de janeiro de 1935** Disponível em:<<http://www.projetomemoria.art.br/MonteiroLobato/monteirolobato/cartaget...>>. Acesso em: 30 jul.2011

LOBATO, Monteiro. **Problema Vital, Jeca Tatu e outros textos**. 1. ed. São Paulo: Editora Globo, 2010.

_____. **Urupês**. 2 ed. São Paulo: Editora Globo, 2009.

NAGLE, Jorge. **Educação e Sociedade na Primeira República**. São Paulo: EPU/EDUSP, 1974

PASSINI, Ênio. Na trilha do Jeca: Monteiro Lobato, o público leitor e a formação do campo literário no Brasil. **Sociologias**. Nº7, p.254-270. Jun. 2002. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/soc/n7/a11n7.pdf>>. Acesso em: 30 jul.2011

SANTOS, Luiz Antônio de Castro. O pensamento sanitaria na Primeira República: Uma ideologia de construção da nacionalidade. Dados. **Revista de Ciências Sociais**. Rio de Janeiro, v.28, nº2, p.193-210, 1985.

STANCIK, Marco Antônio. Os jecas do literato e do cientista: movimento Eugênico, higienismo e racismo na primeira república. Dados. **Revista de Ciências Sociais Aplicadas, Linguística, Letras**. Ponta Grossa, no13, p45-62, jun. 2005. Disponível em:<<http://www.revistas2.uepg.br/index.php/humanas/article/view/535/536>>. Acesso em: 30 jul.2011

SCHUELER. Alessandra Frota Martinez de; MAGALDI. Ana Maria Bandeira de Mello. Educação escolar na Primeira República: memória, história e perspectivas de pesquisa. **Tempo**. v.13, nº26, p.32-5, 2009.

ANEXO I

OBRAS DE MONTEIRO LOBATO

Destacam-se as obras do período da Primeira República (1880 – 1930):

Urupês (1918); Problema Vital (1918); Cidades Mortas (1919); Ideias de Jeca Tatu (1919); Cidades Mortas, conto, 1920; Negrinha, conto, 1920; O Saci, literatura infantil, 1921; Fábulas de Narizinho, literatura infantil, 1921; Narizinho Arrebitado, literatura infantil, 1921; A Onda Verde (1921); O Marquês de Rabicó, literatura infantil, 1922; O Macaco que se fez Homem (1923); Mundo da Lua (1923); Contos Escolhidos (1923); O Garimpeiro do Rio das Garças (1924); O Choque (1926); *How Henry Ford is Regarded in Brazil* (1926); Mr. Slang e o Brasil (1927); Caçadas de Hans Staden, literatura infantil, 1927; Peter Pan, literatura infantil, 1930.

Período da República Nova:

Ferro (1931); Reinações de Narizinho, literatura infantil, 1931; Viagem ao Céu, literatura infantil, 1931; América (1932); Caçadas de Pedrinho, 1933; Na Antevéspera (1933); História do mundo para crianças (1933); Emília no País da Gramática, literatura infantil, 1934; História das Invenções, literatura infantil, 1935; Aritmética de Emília (1935); Geografia de Dona Benta (1935); Memórias da Emília, literatura infantil, (1936); D. Quixote das crianças (1936); O escândalo do Petróleo (1936); Histórias de Tia Nastácia, literatura infantil, (1937); O poço do visconde (1937); Serões de Dona Benta, literatura infantil, (1937); O Picapau Amarelo, literatura infantil, (1939); O Minotauro (1939); Reforma da natureza (1941); A chave do tamanho (1942); A barca de Gleyre, 2 Vol. (1944); Prefácios e entrevistas (1946); Zé Brasil (1947); La nueva Argentina (1947); Fábulas e Histórias Diversas; Os doze trabalhos de Hércules, 2 vol. (1944).

Fábulas de Monteiro Lobato

O Cavalo e o Burro; A Coruja e a Águia; O Lobo e o Cordeiro; O Corvo e o Pavão; A Formiga Má; A Garça Velha; As Duas Cachorras; O Jaboti e a Peúva; O Macaco e o Coelho; O Rabo do Macaco; Os Dois Burrinhos; Os Dois Ladrões; A caçada da Onça.